

PIETISMO

Mário Francisco Tessmann

1. O contexto sócio-histórico do século XVII

Os séculos XVII e XVIII são períodos de transição. Até o advento da reforma, no início do século XVI, a sociedade europeia tinha a sua base na **unidade cultural** proporcionada pela junção entre Igreja e Estado. Este modelo de cristandade – a união entre Igreja e Estado – que foi iniciado no período final da história da Igreja Antiga, obteve a sua consolidação durante os quase mil anos de existência da Idade Média.

Esta unidade cultural, que só admitia a existência de uma instituição religiosa – que deveria ser protegida pelas autoridades seculares existentes – foi estremecida com a reforma evangélica, e o surgimento de novas confissões cristãs, no caso aqui a luterana e a calvinista.

Este novo quadro gerou uma situação até então inusitada. O cristianismo, na sua versão medieval, apresentava-se como a religião absoluta, que todos deveriam reconhecer para poderem ser salvos. Entretanto, após a Reforma, católicos, luteranos e calvinistas, sem falar nos grupos menores da reforma, cada um deles reivindicava a exclusividade da verdade cristã. Quem estava com a razão, perguntava o homem comum?!

Além deste aspecto, os estados seculares que antes protegiam e amparavam legalmente o catolicismo medieval, a partir da Reforma se fragmentam, apoiando os diversos partidos religiosos em litígio, como eram chamados os católicos, os luteranos e os calvinistas. Sem a tutela da Igreja Medieval, os estados seculares agora emancipados procuram elaborar a sua filosofia política. Esta nova filosofia – o **absolutismo** - que destronou o poder da Igreja, acaba no entanto criando déspotas absolutistas. O séculos XVII e XVIII convivem agora não mais com o poder absoluto da Igreja, mas sim com o poder absoluto dos senhores territoriais.

Esta situação gerou perguntas inquietantes acerca da restrição do poder dos príncipes e imperadores com sua política religiosa. Por isso, no mesmo período que se desenvolve o absolutismo, também começam a ser gestada as idéias básicas da moderna democracia, quando pensadores como o holandês Hugo Grotius (1583-1645) procuram substituir a religião pela razão como o fundamento de sua teoria de estado. Grotius defendia esta idéia por ter chegado a conclusão de que as diversas confissões cristãs em conflito não poderiam servir de base para a criação de estados marcados pela tolerância e a autonomia do ser humano.

À essas mudanças nas instituições religiosas e políticas, devem ser acrescida as transformações de mentalidade ocorrida durante estes dois séculos. Até o surgimento da Reforma, o ser humano como indivíduo era fundamentalmente um dado marginal. O que importava era o institucional e o aristocrático (a instituição Igreja e a nobreza).

Com o advento da Reforma, bem como com a confessionalização das 3 grandes partidos religiosos em conflito, a figura do ser humano como indivíduo emerge, como aquela que agora se vê obrigada a posicionar-se perante uma destas 3 expressões de fé. Neste sentido a formação do juízo que cada pessoa via-se obrigado a tomar é um dado novo na história sócio-cultural da Europa. Mesmo aquelas pessoas que haviam ficado ligado à uma ou outra tradição de fé, não fizeram isto mais por uma determinação institucional, mas sim por uma decisão de consciência.

Neste sentido, a importância e o valor da igreja dependia, por um lado, da decisão dos indivíduos, e por outro lado, da proteção e do cuidado do estado. Por isto, este período da história pode ser visto como a época do nascimento do indivíduo moderno.

Este desenvolvimento vai ser aprofundado com duas experiências fundamentais que ocorrem durante estes séculos. A primeira deles consiste na descoberta de que o cristão de uma outra confissão é também um ser humano, que tem qualidades como honra e decência, virtudes estas que podem unir as pessoas para além das diferenças confessionais. A segunda tem a ver com as guerras religiosas, em especial, a guerra dos trinta anos, que geram perseguições em nome da fé, além de uma enorme desconfiança perante a pretensão absoluta de cada confissão acerca da verdade da fé. Isto levou as pessoas a olharem com atenção para as verdades universais da fé cristã, que estão para além das expressões confessionais, e que podem ser fundamentadas racionalmente.

Dentro deste quadro, aqui descrito de maneira abreviada, é que vai surgir o movimento pietista.

2. A essência e importância do Pietismo

O Pietismo é um movimento de renovação espiritual da Igreja, surgido no âmbito do protestantismo do século XVII. Diferentemente da Reforma no século anterior, o movimento pietista visa primeiramente à renovação da vida da Igreja, sendo que a Teologia está à serviço deste propósito. Para os reformadores no século XVI, o alvo era a reforma teológica, que traria como decorrência a renovação da Igreja. Já os pietistas entendiam que esta reforma já havia sido feita, e o que havia necessidade é de que ela fosse posta em prática. Por isso, o Pietismo não pode e não deve ser visto como um movimento de reforma teológica, mas sim como movimento de santidade de vida.

Esta visão foi muito bem expressa no livro de Philipp Jacob Spener (1635-1705), intitulado *Pia Desideria*, cuja a tradução significa "Desejos piedosos". Este livro contem os anseios de muitas pessoas, pastores e leigos, que procuravam modificar o "estamento eclesiástico".

O movimento pietista, na verdade, não era um bloco monolítico. Ele pode ser, no mínimo, agrupado em 5 tipos distintos: a. O Pietismo reformista, de natureza luterana, surgido em torno da pessoa de Spener; b. O Pietismo de Halle, conduzido por August H. Francke; c. O Pietismo radical, que busca uma ruptura com a Igreja instituída, d. O Pietismo da comunidade dos irmãos moravianos, organizado por Zinzendorf; e. O Pietismo de Württemberg. O período de atuação do Pietismo, em sua primeira versão, durou de 1670 até 1780.

O Pietismo fez, no entanto, contatos com outros movimentos de renovação como o Puritanismo e o Metodismo na Inglaterra, além de influências que recebeu do pietismo reformado oriundo da Holanda.

As influências do novo tempo também se fazem notar no Pietismo, visto que no seu intuito de reformar a vida da Igreja, o Pietismo elabora uma nova espiritualidade, caracterizada pela interiorização e individualização da fé. Esta nova espiritualidade - para a época - não se satisfaz mais com a espiritualidade sacramental e institucional da Igreja existente, mas procura dentro ou ao lado da Instituição Igreja a vivência da fé em círculos de comunhão. Nestes círculos, os pietistas procuravam reunir os verdadeiros cristãos, que seriam a verdadeira igreja. Os pietistas reformistas faziam isto com o propósito de renovar a Instituição Igreja, os separatistas ou radicais constituíam estes grupos para sinalizar a existência da Igreja verdadeira.

Além destes aspectos já mencionados, o Pietismo trouxe à cena outras marcas, que caracterizam este anseio por reforma. Visto que o movimento pietista dava uma especial atenção ao modelo neotestamentário de igreja, duas coisas vinham como decorrência desta percepção: a. a ocupação regular com a Bíblia; b. a participação dos leigos. Pela primeira vez na história do protestantismo surge um movimento de leigos, de significativa atuação contando inclusive com bons teólogos. Novidade também é a saliente participação das mulheres neste movimento. Além disso, em contraposição à Ortodoxia com o seu racionalismo, o Pietismo acentuava o afeto, a emocionalidade. O alvo maior do movimento pietista era a edificação do homem interior, e para isto era indispensável que ocorresse um novo nascimento. Este novo homem atuaria agora, procurando transformar as relações na vida da igreja e na sociedade. Por isso, os pietistas criaram tanto organizações missionárias como sociais, com o intuito de sinalizar as marcas do Reino de Deus. Agregado à esta visão está uma escatologia milenarista.

3. Philipp Jacob Spener

3.1. Traços biográficos:

Spener nasceu na província da Alsácia (Elsass), na localidade de Rappoltsweiler, no ano de 1635. Ele teve já na sua juventude contatos com a literatura puritana produzida na Inglaterra, bem como com outras literaturas de edificação. Como estudante em Estrasburgo (Strassburg), e mais tarde em Genebra, além dos estudos regulares Spener toma contato com as obras místicas do francês Jean de Labadie, em especial os seus estudos sobre oração e meditação.

Concluído os seus estudos, incluindo o doutorado, Spener é enviado para Frankfurt em 1664, cabendo-lhe a tarefa de liderar um grupo de pastores da região. Durante o tempo que esteve em Frankfurt, Spener procurou levar os judeus à conversão, estudou intensamente Lutero, bem como delineou as suas idéias principais de reforma para a Igreja. Desde 1670, Spener reúne em sua casa um grupo de pessoas para lerem a Bíblia e literatura de edificação. Surge então os chamados colégios/círculos piedosos (*collegium pietatis*). O surgimento destes colégios não estava inicialmente vinculado a uma estratégia de trabalho. Spener deseja apenas que reunir-se com aqueles que desejassem seriamente ser cristãos, como Lutero havia expresso no prefácio da Missa Alemã de 1526. Esta configuração

sociológica de Igreja é uma das marcas do Pietismo. Estes círculos começam a pipocar em diversas cidades européias. A partir de 1676, Spener cunha a expressão "igrejinha na igreja"(ecclesiola in ecclesia) como um traço do movimento pietista.

Com o passar dos anos Spener tornou-se um dos mais conhecidos pastores e líderes eclesias da Alemanha. Através de contatos com as autoridades seculares, e com outros teólogos, Spener procurava na medida do possível apresentar as propostas do movimento pietista. Na última década do século XVII (1690/91-98), Spener viu-se envolvido numa polêmica muito intensa com os representantes da Ortodoxia. Estes o acusavam de sinergismo, em função de sua visão de santificação. Alguns pietistas separatistas também botaram lenha nesta fogueira, em função de suas atitudes demasiadamente entusiasmadas e sua crítica descontrolada à instituição.

Com a sua ida para Dresden, em 1686, Spener tem a oportunidade de ocupar um posição central no luteranismo da época. Como pregador da corte saxônica, a mais alta distinção concedida a um pastor na época, Spener procura utilizar a oportunidade para divulgar e defender o pietismo. Entretanto, o tempo em Dresden foi breve, e já em 1691, ele foi transferido para Berlim em função de conflitos com o príncipe territorial da Saxônia. Em Berlim, por sua vez, Spener encontrou apoio para levar adiante o movimento pietista. O grande sucesso do pietismo mostrou-se na ocupação de diversos pastorados, tanto na região de Spener com em outros territórios.

3.2. Temas centrais da Teologia de Spener: Novo Nascimento e Santificação

A intenção de Spener jamais foi a de apresentar um novo projeto teológico. Ele desejava apenas operacionalizar a teologia luterana. A linha mestra do programa de reforma de Spener estava baseada na doutrina do novo nascimento e da renovação de vida em conexão com a ordem de salvação (ordo salutis - ortodoxa: justificação, novo nascimento, santificação; pietista: novo nascimento, justificação, santificação).

Apoiando-se no prefácio de Lutero à carta aos romanos, onde é mencionado pelo reformador que a fé é uma obra divina, que "transforma" e "faz nascer de Deus" o ser humano, Spener salienta que a justificação do pecador não é apenas um ato forense, mas é também efetivo. Para Spener é necessário superar uma visão da justificação e da reconciliação de natureza apenas formal. Sem o envolvimento existencial, através do novo nascimento, a justificação não passaria de uma fórmula teológica correta, que na prática pouco ou nada significa.

Segundo Spener, a fé cristã não se sustenta apenas com o simples ouvir externo/objetivo da Palavra de Deus, sem que haja uma apropriação interna/subjetiva da mesma, que proporcione a certeza da fé, que é preservada no processo de santificação. Pode-se dizer que Spener procurava equilibrar na balança a justiça da fé com a justiça da vida. Este acento na subjetividade e na experiência pessoal são marcas, como já vimos de uma nova época. É importante também lembrar que com o acento na santificação, a ética recebe um lugar de destaque no pensamento de Spener.

Spener permanece em Berlim até a sua morte em 1705. Sua atividade não estava restrita apenas a pregação e a política eclesiástica. Através de sua numerosa

correspondência, podemos ver o quanto Spener atuou como poimênico, como conselheiro. Além disso, ele fez várias publicações, visando esclarecer a natureza do movimento pietista.

4. Os "Pia Desideria" de 1675 como escrito programático

Com a publicação do livro *Pia Desideria* (lit.: Desejos Piedosos) Spener apresenta ao público da época uma concepção de reforma para a igreja, que associa um conjunto de críticas com uma série de propostas para o melhoramento da situação eclesial vigente. Fundamentais para a realização da reforma, segundo Spener, são duas coisas: a. A integração eclesial do Pietismo com a fórmula "ecclesiola in ecclesia"; b. A renovação da Igreja através de uma espiritualidade voltada para a prática, que deveria estar presente em especial na formação dos teólogos e pastores.

Partindo da estrutura social vigente no luteranismo europeu da época, Spener apresenta a sua crítica aos 3 estamentos: a. A degeneração da situação eclesial, sob controle da autoridade secular em função de interesses políticos; b. A decadência dos pastores e teólogos oriunda de uma teologia intelectualista com pouca prática espiritual; c. O déficit moral dos membros das comunidades.

Para reverter este quadro, Spener propõe no seu livro o ideal do pregador crente, que deve destacar a indispensável vinculação entre fé e santificação, bem como procurar por em prática o sacerdócio geral de todos os crentes. A esperança por reformas na igreja e na sociedade está baseada na visão que Spener tinha da escatologia.

O alcance que o livro teve no início foi modesto, apesar dos esforços de Spener. Gradativamente, no entanto, foram surgindo em diversas localidades alemãs e européias círculos de estudo bíblico, motivados pela leitura do livro. A partir de 1690 pode-se verificar um aumento significativo destes círculos, e da aceitação das propostas de Spener. A multiplicação deste círculos, no entanto, levou os ortodoxos a suspeitarem que os pietistas desejavam implodir a estrutura tradicional de igreja.

Na terceira parte do livro, Spener apresenta as suas propostas de reforma. São elas:

1. As comunidades devem ocupar-se de forma intensa com a Palavra de Deus, tanto na leitura particular como nos círculos bíblicos, seguindo o modelo de 1 Co 14;
2. O sacerdócio geral de todos os crentes deve ser fortalecido, levando os leigos a uma participação mais ativa nas comunidades;
3. É importante que a prática cristã seja ressaltada, em especial o amor ao próximo como fruto da fé;
4. As polémicas teológicas devem ser reduzidas, e quando acontecerem devem ser conduzidas com moderação;
5. O estudo de Teologia necessita ser reorganizado na perspectiva não mais de uma simples erudição, mas devem ser destacados a leitura dos grandes místicos, e do estudo da Bíblia;
6. As pregações não devem ser uma instrução intelectual, mas precisam estar voltadas a edificação pessoal e comunitária.

As propostas apresentadas por Spener, em alguns pontos, retomam anseios já existentes na época, como por exemplo, a redução do caráter polêmico da Teologia. Outros pontos, no entanto, fazer parte daquilo que é próprio de Spener, tais como a leitura mais intensiva da Bíblia e o exercício do sacerdócio geral.

4. Conclusões

O Pietismo alterou o quadro eclesial do século XVII. A acusação feita por seus críticos, em especial por Albrecht Ritschl no século XIX, de que o Pietismo abriu as portas e as janelas para o reingresso do catolicismo na igreja luterana não tem base histórica. O Pietismo representou o desenvolvimento espiritual e teológico de uma nova época, que estava cansada do racionalismo ortodoxo e da sacramentalidade institucional. A busca por espiritualidade mais prática, menos polêmica, mais voltada para a Bíblia, e menos para as confissões, foram elementos que favoreceram a adesão das pessoas ao Pietismo, além naturalmente do seu forte acento na interioridade e na subjetividade da fé, traços também presentes na mentalidade da época.

Como limitações do Pietismo, podemos lembrar a sua eclesiologia, concebida por vezes de maneira idealista, bem como uma certa tendência ao moralismo no que diz respeito à ética. O movimento pietista, além disso, tinha uma visão demasiadamente crítica em relação ao mundo. O mesmo era quase que só uma realidade de sombras. Ele pouco espelhava ainda a criação de Deus.

Apesar destas considerações, como um todo, o Pietismo deve ser visto com uma contribuição fundamental para a renovação e a missão da Igreja.

Bibliografia:

1. BEYREUTHER, E., *Geschichte des Pietismus*, Steinkopf Verlag, Stuttgart, 1978.
2. SCHMIDT, K. D., *Grundriss der Kirchengeschichte*, Vandenhoeck & Ruprecht, Goettingen, 1967.
3. SPENER, P. J., *Pia Desideria: Mudança para o Futuro*, Encontro Editora & Instituto Ecumênico Pós-Graduação em Ciências da Religião, Curitiba/São Bernardo do Campo, 1996.